

RITA CRISTINA DA SILVA

**ACESSIBILIDADE AFETIVA, COMUNICAÇÃO E DIFERENÇA:  
experiências de uma mulher com deficiência nos contextos  
organizacionais de uma Universidade Pública**

VIÇOSA – MG

2023

RITA CRISTINA DA SILVA

**ACESSIBILIDADE AFETIVA, COMUNICAÇÃO E DIFERENÇA:  
experiências de uma mulher com deficiência nos contextos  
organizacionais de uma Universidade Pública**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Rennan Lanna Martins Mafra

VIÇOSA – MG

2023



Universidade Federal de Viçosa  
Departamento de Comunicação Social  
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Monografia intitulada *ACESSIBILIDADE AFETIVA, COMUNICAÇÃO E DIFERENÇA: experiências de uma mulher com deficiência nos contextos organizacionais de uma Universidade Pública*, de autoria da estudante Rita Cristina da Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra – Orientador

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mariana Ramalho Procópio Xavier

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Camila Maciel Campolina Alves Mantovani

Curso de Comunicação Social da UFMG

Viçosa, 18 de dezembro de 2023.

## **RESUMO**

Esta monografia, resultante de um projeto de iniciação científica, busca investigar como a acessibilidade afetiva, noção desenvolvida por Pessoa (2019) para compreender a inclusão de pessoas com deficiência em organizações, pode ser vislumbrada nos contextos comunicacionais de uma universidade pública. Para isso, pauta-se metodologicamente pela abordagem dos afetos (Moriceau, 2019; Moriceau, 2021) e narra, como resultados, experiências de uma mulher com deficiência nos ambientes organizacionais de uma universidade pública. De modo mais específico, a monografia apresenta dois capítulos: no primeiro, o texto discute conceitualmente a noção de acessibilidade afetiva em relação às diferenças de pessoas com deficiência nos contextos organizacionais modernos, e narra o aparecer de uma mulher com deficiência ao entrar em interação sistemática com os ambientes organizacionais da Universidade Federal de Viçosa, antes de ser estudante. No segundo capítulo, o trabalho problematiza as recentes legislações sobre inclusão que preconizam a acessibilidade de pessoas com deficiência na universidade, a partir do estudo de Mantovani e Pessoa (2022), e narra experiências da autora já como estudante do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, quando a mesma foi afetada pela pandemia, entre os anos de 2020 e 2023.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Acessibilidade afetiva; organizações; comunicação; diferença; estudos sobre deficiência.

## **ABSTRACT**

This monograph, resulting from a scientific initiation project, seeks to investigate how affective accessibility, a notion developed by Pessoa (2019) to understand the inclusion of people with disabilities in organizations, can be glimpsed in the communication contexts of a public university. To achieve this, it is methodologically guided by the approach of affections (Moriceau, 2019; Moriceau, 2021) and narrates, as results, experiences of a woman with disabilities in the organizational environments of a public university. More specifically, the monograph presents two chapters: in the first, the text conceptually discusses the notion of affective accessibility in relation to the differences of people with disabilities in modern organizational contexts, and narrates the appearance of a woman with disabilities when entering into systematic interaction with the organizational environments of the Federal University of Viçosa, before becoming a student. In the second chapter, the work problematizes recent legislation on inclusion that advocates accessibility for people with disabilities at universities, based on the study by Mantovani and Pessoa (2022), and narrates the author's experiences as a student of the Social Communication - Journalism Course, when it was affected by the pandemic, between 2020 and 2023.

## **KEY-WORDS**

Affective accessibility; organizations; communication; difference; disability studies.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO 1 - O OLHAR, O CUIDADO E O ENCONTRO: acessibilidade afetiva, aparência e diferença no contexto organizacional de uma Universidade Pública</b>	<b>9</b>
1. Introdução	9
2. Fundamentação Teórica	12
2.1. A acessibilidade afetiva	12
2.2. Aparência, diferença, latência: movimentos estéticos para compreender a emergência da deficiência	14
3. Algumas reflexões metodológicas: a produção afetiva do relato de experiência	17
4. Resultados e discussões	19
4.1. Tonalidades afetivas iniciais: narrativas de um sentir transformador	19
4.2. O olhar, o cuidado e o encontro: o acesso afetivo à UFV	20
<b>CAPÍTULO 2: ACESSIBILIDADE AFETIVA EM CONTEXTOS ORGANIZACIONAIS: experiências de uma mulher com deficiência em cenários pandêmicos nos espaços interacionais de uma Universidade Pública</b>	<b>25</b>
1. Introdução	25
2. Fundamentação Teórica	26
2.1. Universidade, acessibilidade afetiva e corpos sensíveis na pesquisa	26
3. Metodologia	30
4. Resultados e discussões	33
4.1. A escrita afetiva sobre Sônia Pessoa	33
4.2. A escrita afetiva sobre Mariana Procópio	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>41</b>

## APRESENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é resultante das atividades de pesquisa iniciadas e desenvolvidas entre os meses de novembro de 2021 a setembro de 2022, por meio do Edital PIBIC/UFV 2021-2022/II, e foram desmembradas do projeto intitulado “AS ORGANIZAÇÕES MODERNAS E O CONTEMPORÂNEO: tensões entre diferenças, comunicação e acessibilidade afetiva”, realizado no âmbito do DIZ – Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença, e posteriormente incorporado também ao Pólen - Laboratório de Experimentação em Comunicação e Organizações, ambos compostos por outros estudantes de graduação e de pós-graduação, além de docentes. A pesquisa foi financiada com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Naquele momento, o objetivo geral da investigação foi examinar as tensões entre diferenças, comunicação e acessibilidade nas organizações modernas, afetadas por dilemas da contemporaneidade. Como objetivos específicos, o projeto buscou: (i) revisar teoricamente a relação entre organizações e estudos sobre deficiências (disabilities studies); (ii) revisar teoricamente a relação acessibilidade, diferenças e comunicação organizacional; (iii) investigar como experiências de sujeitos com acessibilidade emergem em meio a discursos organizacionais contemporâneos, tanto em falas oficiais quanto em interações provocadas por públicos.

Na ocasião, a pesquisa construiu sua justificativa pela necessidade de aprofundar conhecimentos acadêmicos sobre as diferenças, gesto este que pode auxiliar na investigação de aspectos relacionais, tensões e desafios enfrentados por pessoas com deficiência em inúmeros contextos organizacionais contemporâneos. À época, buscou-se examinar experiências de acessibilidade em contextos organizacionais, projetando resultados que visavam colaborar para que organizações pudessem repensar a inserção, a convivência e a permanência de pessoas com deficiência em seus espaços. Em última análise, o projeto buscou contribuir com a construção de uma sociedade plural mais justa e equânime - em meio a qual pessoas com deficiências possam existir com saúde e qualidade de vida no contexto das organizações.

Os principais resultados do projeto foram socializados em relatório, no qual as discussões aqui apresentadas, no âmbito deste TCC, puderam ser iniciadas. Na ocasião, dois foram os principais resultados emergentes da iniciação científica em questão: a) uma

compreensão sobre a noção de acessibilidade afetiva, desenvolvida pela professora Sônia Caldas Pessoa, da UFMG; e b) uma aproximação com a abordagem dos afetos, protagonizada pelo professor Jean-Luc Moriceau, do Institut Mines-Télécom Business School, da França. Tratam-se de abordagens inovadoras aos estudos sobre deficiências, sobretudo porque: a) a noção de acessibilidade, muito pautada apenas em dimensões físicas e legais, passa a ser vislumbrada como um gesto essencialmente comunicacional e afetivo, pautado pela escuta, pela presença e pela consideração de corpos diferentes em contextos organizacionais; e b) a abordagem dos afetos mostra-se como metodologia extremamente adequada para a construção de pesquisas no campo dos estudos sobre as deficiências - justamente porque busca considerar as singularidades vivenciadas na experiência como materiais centrais à investigação científica.

Dessa forma, busco, neste momento presente, apresentar o meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Acessibilidade afetiva, comunicação e diferença: experiências de uma mulher com deficiência nos contextos organizacionais de uma Universidade Pública*. Em continuidade à iniciação científica, seu objetivo principal é investigar como a acessibilidade afetiva pode ser vislumbrada, por um olhar da comunicação, nos contextos organizacionais de uma universidade pública. O principal gesto metodológico aqui apresentado baseia-se na abordagem dos afetos (Moriceau, 2019; Moriceau, 2021) e para isso, narra, como resultados, minhas experiências enquanto uma mulher com deficiência nos ambientes organizacionais de uma universidade pública - a Universidade Federal de Viçosa.

Trata-se de instituição que existe há 97 anos, contando hoje com três campi - nas cidades de Viçosa, Florestal e Rio Paranaíba, todas no Estado de Minas Gerais - e com a presença de mais de 20.000 estudantes matriculados em seus cursos de ensino médio, graduação e pós-graduação, conforme site institucional da Universidade<sup>1</sup>. O curso de Comunicação Social - Jornalismo é oferecido na cidade de Viçosa - um município de 76.430 habitantes, segundo o último censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - e possui 22 anos de existência, em turno integral e duração de 4 anos, com 40 vagas anuais. Neste contexto, afetado recentemente (como será visto no Capítulo 2) por legislações específicas que preconizam a inclusão de pessoas com deficiência, inúmeros são os desafios, dentre os quais se destaca a acessibilidade. Contudo, para além da possibilidade de circulação física nesses espaços, corpos com deficiência demandam, sobretudo, a possibilidade de existirem e de serem acolhidos em seus próprios desejos, demandas e particularidades, num gesto de hospitalidade como aponta Pessoa (2019).

---

<sup>1</sup> <https://www.ufv.br/ufvemnumeros/>. Acesso em 13 de dezembro de 2023.

Sou Viçosense, nascida no ano de 1991, e, desde os dois anos, fui diagnosticada com Paralisia Cerebral - diplegia espástica (falarei mais sobre isto no Capítulo 1). Desde sempre, por ser da cidade, tenho contato com os ambientes da UFV. Em 2018, fui aprovada como estudante do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, mas meu contato sistemático com a instituição iniciou-se, de modo mais específico, um ano antes (2017), quando um grupo de saúde coletiva do Curso de Graduação em Enfermagem iniciou um trabalho contínuo e cotidiano nos contextos da comunidade e de minha residência - como será apresentado ao longo do trabalho. Quanto a isso, é impossível separar a minha entrada como estudante regular na instituição dos modos como a própria UFV se tornou acessível a mim, a partir de tal trabalho desenvolvido por uma professora e quatro estudantes do Curso de Enfermagem. Dito por outras palavras, estive diante de uma experiência exitosa de inclusão, sobre a qual a acessibilidade e a hospitalidade revelaram a possibilidade de alteração dos rumos de minha própria existência e de meus horizontes.

Dessa forma, a partir dessa breve contextualização, apresento os dois objetivos específicos desta monografia, ambos tendo como norte o alargamento do horizonte teórico sobre o conceito de abordagem afetiva: a) narrar os modos como apareci, de forma sistemática, junto aos ambientes organizacionais da UFV, antes de me tornar estudante regular da instituição; e b) narrar algumas de minhas experiências, com foco nos cenários pandêmicos, em que pude vivenciar encontros afetivos, já como estudante regular do curso de Comunicação Social - Jornalismo.

Para isso, os dois objetivos específicos resultaram em dois capítulos, nos quais discussões teóricas, metodológicas e empíricas foram direcionadas: a) o primeiro, intitulado “O olhar, o cuidado e o encontro: acessibilidade afetiva, aparência e diferença no contexto organizacional de uma Universidade Pública” corresponde ao primeiro objetivo específico; e b) o segundo, intitulado “Acessibilidade afetiva em contextos organizacionais: experiências de uma mulher com deficiência em cenários pandêmicos nos espaços interacionais de uma Universidade Pública” é correspondente ao segundo objetivo específico. Por fim, apenas destaco que, seguindo a abordagem afetiva, busco construir narrativas em primeira pessoa do singular, embora, nas discussões conceituais, tenha me sentindo mais à vontade para mobilizar a primeira pessoa do plural.

Dessa forma, espero, com este trabalho, contribuir para que nuances e particularidades sobre a acessibilidade afetiva possam ser compreendidas por sujeitos e instituições preocupados em construir sociedades mais inclusivas, mais justas e mais democráticas, em



que pessoas com deficiências sejam consideradas cidadãs e cidadãos, vislumbrados em seus próprios desejos e diferenças.

## **CAPÍTULO 1 - O OLHAR, O CUIDADO E O ENCONTRO: acessibilidade afetiva, aparência e diferença no contexto organizacional de uma Universidade Pública<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este capítulo busca problematizar como demandas por acessibilidade a pessoas com deficiência emergem nos ambientes relacionais das organizações, com foco nos contextos de uma Universidade Pública. Para isso, mobiliza conceitualmente a compreensão da acessibilidade como uma disposição, antes de tudo, afetiva (Pessoa, 2019) e estética (Gumbrecht, 2010), indicadora de horizontes mínimos à hospitalidade de existências diferentes (Arendt, 2007). A partir da abordagem metodológica dos afetos (Moriceau, 2019), o texto narra o aparecer de uma mulher com deficiência ao entrar em interação sistemática com os ambientes organizacionais da Universidade Federal de Viçosa. Nas narrativas apresentadas, foi possível compreender o olhar, o cuidado e o encontro como disposições essenciais para a vivência da acessibilidade afetiva naquele contexto.

**Palavras-chave:** acessibilidade, organizações, comunicação.

### **1. Introdução**

Os contextos organizacionais do Estado, do Mercado e da Ciência se apresentam como espaços nucleares à construção da vida, a partir da instituição da modernidade (Mafra, 2021). Tal constatação, ao contrário de uma exaltação, anuncia complexos desafios à construção de existências sociais contemporâneas, uma vez que a própria modernidade, já amplamente criticada no campo das humanidades, instituiu-se enquanto projeto violento, imperialista e colonizador, a partir da instituição de parâmetros idealizados de universalidade, igualdade e liberdade, postos a serviço de lógicas homogeneizadoras do tempo, do espaço e da construção da vida social.

A partir disso, Estado, Mercado e Ciência se apresentam como estratos relacionais hegemônicos, por meio dos quais a própria instituição do projeto moderno torna-se possível - na medida em que organizações de toda a sorte, vinculadas a estes três estratos, se apresentam como *epicentros relacionais* (Mafra, 2021) no modo como estruturamos nossos projetos de vida, nossas lembranças e nossos futuros. Em meio a isso, uma atmosfera que acaba por validar a suposta legitimidade de tais estratos é estimulada a partir da ideologia do progresso:

---

<sup>2</sup> Este capítulo foi aceito como parte da obra “Afetos e experiências da, na e para a universidade, volume 2”, organizado pelas professoras Sônia Pessoa e Camila Mantovani, e pelo professor Luiz Alex Silva Saraiva, com previsão de publicação no primeiro semestre de 2024, pela Editora Fi, no âmbito da série Comunicação, Discursos e Experiências.

com foco num futuro ideal, e supostamente sempre melhor, as organizações modernas tentam construir a legitimidade do próprio projeto racionalizador da modernidade, justificando o desejo pela estratégia, pelo controle e pela pasteurização de vidas, corpos e padrões - mobilizando, inclusive, uma ideia basilar de igualdade como suposta premissa liberal desse novo período histórico.

Entretanto, a constatação da falência de tal projeto é anunciadora de novas composições, matizes e possibilidades à existência contemporânea, em meio à qual uma noção se torna cara à compreensão de tal falência: as diferenças. Tomadas enquanto focos a inúmeras áreas de conhecimento, sobretudo nas humanidades, diferenças podem ser vislumbradas, em última análise, como pontos focais na realidade concreta de produção da vida, que anunciam fraturas, fissuras e impossibilidades ao discurso e à prática estabelecidos pela modernidade. Hannah Arendt (2007) torna-se uma das intelectuais mais expressivas com relação ao desenvolvimento de tal noção, ao inverter as lógicas modernas calcadas na igualdade: a autora toma a diferença como a condição central que nos torna humanos, e enxerga no espaço público a possibilidade de construção da autorrealização e da dignidade - a partir do momento em que, publicamente, uma diferença pode aparecer e atualizar a mesa dos negócios humanos, indicando prejuízos e necessidades de modificação nas estruturas relacionais postas pela vida social moderna.

Dentre as inúmeras possibilidades de estudo com relação às diferenças, podemos tomar, nos últimos anos, a emergência de um conjunto de estudos e de práticas que visam atualizar as existências de pessoas com deficiências na contemporaneidade. Ainda que tal tema esteja em definição - e inclusive também esteja em constante atualização a partir de demandas terminológicas -, deficiências têm sido, mais ou menos, aceitas como termos capazes de anunciar diferenças de corpos que não conseguem se adaptar aos padrões de normalidade impostos pelo projeto moderno. Para muito além de um adjetivo ou de um juízo de valor negativo, as deficiências emergem como palavras de luta e de marcação identitária, frente a necessidades de atualização dos espaços e das lógicas que produzem a vida, tendo em vista a necessidade primeira de consideração de tais corpos e de suas especificidades como critérios centrais na construção da dignidade, da autorrealização e da justiça, reunidos, sobretudo, em torno de uma noção guarda-chuva, capaz de apreender e reunir inúmeras demandas: a acessibilidade. Tal noção tem sido, inclusive, posta como norte central a inúmeras legislações, ações e práticas que precisam ser atualizadas nos ambientes relacionais das organizações modernas - Estado, Mercado e Ciência -, com vistas à construção de espaços

mais dignos e potencialmente abertos à inclusão de corpos e de sujeitos inicialmente excluídos de suas possibilidades de acesso.

São nesses percursos e espaços que Pessoa (2019) mobiliza uma questão relevante a ser investigada: como seria possível pensar a acessibilidade nos contextos organizacionais para além de uma visão instrumental ou meramente física? Como problematizar, a partir das diferenças de pessoas com deficiência, a acessibilidade, atualizando, inclusive, tal noção para muito além de uma obrigação vazia ou de um discurso muitas vezes projetado pelas organizações, embora descolado de muitas práticas relacionais que se dão nesse ambiente? É nesse sentido que esse texto admite a noção de acessibilidade afetiva de Pessoa (2019) e busca, para isso, relacioná-lo a uma compreensão arendtiana da diferença, posicionando-o junto a uma abordagem estética. Em linhas gerais, buscamos problematizar como a acessibilidade, que emerge como demanda nos ambientes relacionais das organizações modernas, se apresenta como disposição afetiva e estética, para muito além de se anunciar como prática unicamente dada a partir de uma adaptação de espaços físicos e arquitetônicos. Para isso, buscaremos apresentar como a acessibilidade afetiva pode ser vislumbrada a partir do modo como interações sistemáticas passam a ser estabelecidas entre uma organização moderna - a Universidade Federal de Viçosa - e uma mulher com deficiência - primeira autora deste texto -, a partir de narrativas evidenciadoras de modos afetivos pelos quais um processo inclusivo aconteceu e permitiu a abertura de outros processos e composições.

Sendo assim, esse texto adota, como metodologia central, a abordagem dos afetos, proposta por Moriceau (2019, p. 41), que a toma

não primariamente como uma proposição ontológica (há afetos e são importantes na comunicação), nem mesmo uma estratégia epistemológica (uma maneira de acessar o que não poderia ser de outra forma). Antes disso, a virada afetiva define uma ética e uma política.

Dessa forma, o autor nos diz que uma pesquisa dos/com/pelos afetos coloca pesquisadores não em posições unicamente de estudo, “mas de comunicação e essa comunicação precisa ser considerada eticamente” (Moriceau, 2019, p. 41). Quanto a isso, em outro trabalho, o autor completa:

se escrevemos sob o impulso dos afetos, é precisamente porque fomos afetados, ou seja, fomos surpreendidos, tocados, transformados - não porque buscávamos ver algo definido *a priori*, ou porque quiséssemos provar que tínhamos razão, ou ainda porque queríamos seguir uma teoria. Eis que algo nos intriga, nos perturba, nos deixa com raiva. Sentimos que há algo sobre o que podemos testemunhar, algo que nos obriga a pensar (MORICEAU, 2021, p. 18).

De tal sorte, assumindo tal abordagem como guia metodológico, este texto se organiza em algumas partes. Inicialmente, na fundamentação teórica, buscamos problematizar, na perspectiva de Pessoa (2019), a acessibilidade afetiva, estabelecendo diálogos com as discussões de aparência e diferença (Arendt, 2007) e adotando uma perspectiva estética cunhada por Gumbrecht (2010) e retomada por Mafra (2021) para problematização dos contextos relacionais das organizações modernas. Em seguida, a partir de uma experiência singular e significativa da primeira autora desse texto com os ambientes organizacionais da UFV no ano de 2017 - a partir de uma visita de uma professora e de quatro estudantes de graduação do Curso de Enfermagem em sua residência, no contexto de uma atividade de ensino no campo da saúde coletiva -, o artigo caminha para um estilo de relato de experiência, na primeira pessoa do singular, a partir do qual a acessibilidade afetiva organizacional será expressa narrativamente, considerando sua vivência com tal professora e com suas estudantes da universidade. Por fim, serão tecidas breves considerações, com o intuito de retomar as principais questões abordadas neste texto, com indicativo à continuidade de estudos futuros.

## **2. Fundamentação Teórica**

### **2.1. A acessibilidade afetiva**

Experiências de pessoas com deficiências aparecem em meio aos cotidianos organizacionais a partir de múltiplas tensões. Segundo Pessoa (2019), problematizar sujeitos com deficiências, para muito além de quaisquer teorizações, é reconhecer a necessidade de produção de uma linguagem hospitaleira, como ponto de partida: por este gesto, a autora propõe discutir “como alguns imaginários, que ainda estão cristalizados em culturas organizacionais, reduziram o universo de possibilidades de tratarmos pessoas com deficiência como cidadãos como os demais” (Ibidem, p. 211). Nesse momento, a autora compreende a linguagem hospitaleira como

uma possibilidade de tratamento discursivo acolhedor, respeitando os modos como as próprias pessoas com deficiência gostariam de ser nomeadas, evitando-se categorização e juízos de valor. Tratam-se de modos discursivos que acolhem as demandas das pessoas com deficiência, respeitando-as em suas necessidades de identidade e de reconhecimento social (...). Mais do que “discursos politicamente corretos”, estariam no campo de discursividades atentas ao afável, ao receptivo, ao confortável para o outro (Pessoa, 2019, p. 213).

Nesse movimento, Pessoa (2019) propõe um gesto de imaginar como tal linguagem pode ser capaz de produzir redes de relações organizacionais, pautadas por uma acessibilidade afetiva, contrárias a uma ideia de compaixão:

compaixão no campo da espiritualidade estimularia uma participação na “infelicidade” alheia, algo que suscitaria um impulso altruísta alcançando afetos supostamente positivos, tais como a ternura com o “sofredor”. (...) A compaixão apresenta-se como uma armadilha se as palavras-chaves que a guiam são piedade, tragédia pessoal e sofredores, por exemplo (Ibidem, p. 211).

Nesse desafio, tanto a arquitetura de espaços quanto a emergência de uma linguagem hospitaleira só fazem sentido a partir de tentativas de se produzir um acesso cotidiano à experiência do outro, na medida em que “modos de sentir, perceber e narrar as histórias e as nossas posturas nas organizações deslocam as responsabilidades individuais, necessárias e fundamentais, para a constituição de culturas organizacionais coletivas” (Pessoa, 2019, p. 213), já que

estamos falando de sujeitos que sim, trazem consigo histórias surpreendentes aos olhos dos demais e doses significativas de inquietações que potencializam o sofrimento. Mas antes de serem considerados sofredores, dignos de piedade, querem assumir seus papéis de protagonistas das próprias histórias e das próprias narrativas (Ibidem, p. 213).

É nesse momento que Pessoa (2019, p. 217) pergunta-se, incomoda-se e propõe ser possível

pensar em acessar o outro, não de modo unilateral, egoísta para satisfazer o meu desejo de me sentir bem por me importar... Para dizer que tenho compaixão ou que sou empático... Trata-se de acessar o outro para que ele acesse o mundo de modo diverso ao que lhe é imposto.

Na toada desse incomodar, esse texto busca, portanto, questionar: como as organizações modernas lidam com pessoas com deficiências? Em meio a seus cotidianos, projetos e âmbitos de ação, há espaços para a emergência de experiências de acessibilidade afetiva, como propostas por Pessoa (2019)? Neste momento, recorreremos à compreensão da acessibilidade afetiva como uma disposição estética, vislumbrada a partir do pensamento de Arendt (2007) e de Gumbrecht (2010), autores que nos auxiliam a compreendê-la nos contextos relacionais das organizações. Tal movimento conceitual será apresentado a seguir.

## **2.2. Aparência, diferença, latência: movimentos estéticos para compreender a emergência da deficiência**

Como uma pessoa com deficiência aparece, no mundo, a partir das/com as suas diferenças? Como pode ser vista, percebida, localizada, num mundo que, de partida, não é preparado e aberto a acolher as diferenças que existem em sua própria presença no mundo? Como a comunicação pode ser um campo que auxilia a pensar o modo como uma diferença aparece e ganha existência, sobretudo em contextos organizacionais?

Segundo a abordagem pretendida, toda troca comunicativa, realizada em público, é, de algum modo, regulada por um fenômeno (uma emergência), mobilizada pela aparência (algo que se apresenta e ganha existência) a partir da diferença, na medida em que se desenrola a partir da vida política como aquela que é organizada pela vivência do cotidiano, e só é possível pela relação entre os homens. A ideia de política, no entanto, não pressupõe necessariamente sua formalização, sendo que as regras por ela colocadas aos sujeitos aparecem muitas vezes internalizadas, apreendidas pela experiência e convencionadas em meio às relações sociais (Telles, 1990; Magalhães, 2009).

No primeiro parágrafo deste tópico, é possível identificar uma primeira expressão da aparência, na perspectiva de Arendt (2007) como “aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos — constitui a realidade” (Arendt, 2007, p.59). Nesse sentido, o que aparece se espalha não apenas numa dimensão experiencial pública, mas é força que também nos mobiliza, como aponta Telles (1990), nos maiores recônditos da intimidade. Assim, qualquer situação de comunicação, em maior ou menor medida, que emerge contextualmente junto a pessoas com deficiência já pressupõe a presença de elementos que deslocam olhares, espaços e expectativas em relação a um corpo que possui características diferentes - para as quais o mundo moderno não se encontra, de partida, capaz de acolhê-las.

Além disso, é possível verificar a aparência de corpos com deficiência a partir da instância material do espaço público — “é o espaço do aparecimento e da visibilidade” (Telles, 1990, p.4), de modo que “tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos” (Arendt, 2007, p. 59); “e, se isso importa, é porque essa visibilidade pública é que constrói a realidade” (Telles, 1990, p.4). De modo geral, o público não é um lugar delimitado fisicamente: é instância que emerge pela linguagem, a partir de um pensamento movido pelo fenômeno da diferença - um gesto provocador que busca considerar, em última análise, possibilidades de ação e de discurso de tal diferença, em meio ao mundo comum até então compartilhado pelos sujeitos, embora sem considerá-la, até então, também como parte

equânime deste mesmo mundo. Dito isso, a presença da diferença busca um compartilhar deste mundo, como nos esclarece Telles (1990, p. 4): a partilha comum, portanto acontece “quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que vêem a mesma coisa, na mais completa diversidade”. Por esses termos, o espaço público é uma instância conectada com as esferas íntima e privada: o pensamento arendtiano aponta que nenhuma autorrealização é possível se uma vida é levada em segredo e não pode aparecer, em sua diferença, no espaço público.

A teoria postula em Arendt (2007) que ter direitos significa “pertencer a uma comunidade política na qual as ações e opiniões de cada um encontram lugar na condução dos negócios humanos” (Telles, 1990, p. 8); ela indica que nos tornamos membros de um grupo, “por força de nossa decisão de nos concedermos mutuamente direitos iguais” (Arendt, 1974 a, p.380 *apud* Telles, 1990, p. 9). Por tudo isso, Telles (1990, p. 5) nos esclarece que “este mundo tem que ser pensado não apenas como aquilo que é comum, mas como aquilo que é comunicável”. A partir disso, podemos questionar: o que corpos com deficiência comunicam aos contextos das sociedades modernas? Como recebem forças e vulnerabilidades que os tornam passíveis de visibilidade ou de invisibilidade?

Entendemos que o filósofo alemão Hans Ulrich Gumbrecht (2014) nos auxilia consideravelmente a compreender que os gestos estéticos de aparência nem sempre irão emergir a partir da comunicação de um desejo explícito de existência no mundo comum: a partir do que é imposto como padrão pelas instituições modernas do Estado, do Mercado e da Ciência, a emergência de tais corpos pode indicar a aparência não propriamente de suas diferenças; trata-se paradoxalmente da aparência de latências - demandas e desejos impedidos de aparecerem, embora impossíveis de serem apagados ou extirpados dos próprios horizontes de autorrealização que atravessam tais corpos com deficiência. Por esse caminho, uma primeira expressão da latência pode ser compreendida pela clandestinidade como gesto que “de algum modo, aponta diferenças em relação ao status social estabelecido e garantido pelo Estado e revela repressões políticas e possibilidades de não-existir (...) frutos de experiências incompletas e não-explicitas” (Silva; Mafra, 2020, p. 279).

Assim, a própria situação de comunicação diante de um corpo com deficiência não é suficiente para que esse corpo apareça: latências podem permanecer em relação, sobretudo nos modos frustrantes e violentos que determinam, pela modernidade, como esse corpo pode ser localizado, visto, pronunciado e aceito - antes mesmo de ser ouvido e considerado como parte da mesa dos negócios humanos. Dessa forma, a presença de um corpo com deficiência

pode ser também a presença de inúmeras latências experimentadas por tal corpo, incapazes de serem ditas e consideradas nos contextos da vida moderna.

Somado ao domínio das convenções contratuais, os contextos presentes podem, portanto, ser indicadores de gestos muito violentos, desconfortáveis e insensíveis, em meios aos quais “um clima de estagnação parece atrofiar os futuros e tornar difícil a abertura de horizontes” (Mafra, 2021, p. 96). Neste lugar, tais corpos, imantados por feridas e violências, produtos de relações opressoras modernas, podem não encontrar espaço para elaborar publicamente seus passados - enquanto temporalidade presente constituída “por outros conjuntos de sentidos (ou realidades, compreensões, perspectivas)” (Rangel, 2016, p 129), os quais, por algum motivo, foram obscurecidos em prol de sentidos hegemônicos. Tristemente, este gesto revela, portanto e ao mesmo tempo, o fechamento de uma futuridade, “pois nenhuma ação poderá ocorrer onde não houver lugar para projetar a sua realização”. (Gumbrecht, 2015, p. 16). Contudo, tal movimento torna-se, muitas vezes, difícil de ser percebido e notado, sendo corpos com deficiência tomados, pela modernidade, como instâncias que, supostamente, não possuem, de partida, espaços de ação e de discurso no espaço público. Neste lugar, recorreremos novamente ao pensamento de Gumbrecht (2014):

é impossível dizermos com precisão de onde nos vem a certeza dessa presença, tampouco sabermos afirmar exatamente onde está agora aquilo que é latente. E, porque não conhecemos a identidade do objeto ou da pessoa latente, nada nos garante que reconheceríamos essa entidade se alguma vez viesse a revelar-se diante de nós (Gumbrecht, 2014, p. 40).

Nesse sentido, um corpo com deficiência anuncia sua própria diferença ao aparecer e buscar alterar os modos como determinados comportamentos, imagens, espaços e relações acontecem. Isso porque, inspirados pelo pensamento gumbrechtiniano, podemos tomar os contextos contemporâneos como instâncias pautadas por inúmeras latências frente a diferenças não contempladas, ignoradas, violentadas - gesto este que revela climas de estagnação, uma vez que a latência impede que uma diferença exista e siga para um futuro. Sendo assim, as organizações tornam-se espaços essenciais seja para a aparência da diferença, seja para a perpetuação da latência. Nesse lugar, movimentos comunicacionais com relação à diferença de pessoas com deficiência, na perspectiva de Pessoa (2019), nos inspiram a pensar como os mesmos são capazes de romper as membranas da latência em contextos organizacionais, na medida em que se ancoram numa linguagem hospitaleira, em meio à qual processos de escuta possam impactar alterações em suas culturas organizacionais e promover processos de inclusão.



Por tudo isso, ao considerar a emergência de um corpo com deficiência junto a interações deflagradas em contextos organizacionais, podemos tomar que a aparência de sua diferença - suas demandas, singularidades e historicidades - produz-se por uma acessibilidade afetiva na medida em que três gestos tornam-se parte de suas próprias culturas organizacionais: o olhar, o cuidado e o encontro. O olhar inicia-se no momento em que o outro é deslocado pela visibilidade pública que irrompe nas relações daquele mundo comum; o cuidado inicia-se no momento em que tal olhar, capaz de deslocar o que até então era estabelecido naquele contexto, abre-se ao cuidado com tal diferença, permitindo que esse outro acesse o mundo de modo diverso ao que lhe é imposto, como aponta Pessoa (2019); e o encontro inicia-se no momento em que a escuta organizacional é capaz de atribuir, à pessoa com deficiência, o direito inalienável de narrar sua própria história - de assumir-se como integrante da mesa dos negócios humanos, e, em sua diferença, tomar assento como ocupante equânime da possibilidade de existir naquele mundo comum - como qualquer outro sujeito, também em sua diferença.

### **3. Algumas reflexões metodológicas: a produção afetiva do relato de experiência**

Pretende-se, aqui, investigar como a aparência de um corpo com deficiência se constituiu no contexto de uma organização: a Universidade Federal de Viçosa (UFV). Quando nos referimos a tal contexto, consideramos não apenas os espaços físicos da UFV, mas, sobretudo, as relações que ela fomenta, seja em suas sedes, seja em outros contextos nos quais ela atua. Sendo assim, a partir da abordagem metodológica dos afetos (Moriceau, 2019), o texto narra o aparecer de uma mulher com deficiência ao entrar em interação sistemática com os ambientes organizacionais da Universidade Federal de Viçosa.

Convém trazer uma breve exposição a respeito da tomada de decisão em relação ao caminho metodológico a ser utilizado para o desenvolvimento deste trabalho. Nas palavras de Jean-Luc Moriceau (2019, p. 41), “colocando afetos no centro da pesquisa, a virada afetiva oferece uma possibilidade privilegiada para estudar a comunicação, incluindo questões de gênero, vulnerabilidade e desigualdade”. De acordo com o intelectual francês, uma relação de comunicação, tomada enquanto cerne da pesquisa de temas sensíveis, exige que as experiências e os contextos do pesquisador sejam incorporados, numa posição de comunicação com o mundo - e não meramente de estudo (Moriceau, 2019).

Dessa forma, para a construção deste relato de experiência, o primeiro passo foi a definição do tema. Dentre as várias possibilidades nesse contexto, a decisão escolhida foi a de

produzir um relato sobre o modo como a UFV se apresentou a mim: a partir da presença da Professora Deíse Moura de Oliveira, do Departamento de Medicina e Enfermagem da UFV, junto com suas estudantes: Ana Luiza, Carolina Dalfior, Isabella Almada e Aline Godinho, quando foram em sua residência para realizarem um trabalho de saúde coletiva. Tal trabalho aconteceu no ano de 2017, visitando famílias na comunidade, e incluía a busca por percepção de demandas, na região, por uma intervenção em saúde coletiva. Ao perceberem a situação da primeira autora - uma mulher com deficiência, que tinha finalizado o Ensino Médio e estava em casa, sem perspectivas de entrar num curso superior -, a equipe de saúde coletiva percebeu que tentar trabalhar essa questão com ela se referia a um ato que buscava a sua própria saúde, a partir da sua presença no mundo.

Em seguida, foi necessário definir a angulação, ou seja, qual seria o foco do relato de experiência. Nesse sentido, três perguntas foram construídas, a partir das quais lancei mão para escrever um relato narrativo:

1. Quem era a Rita até o momento do encontro com o grupo de prática de saúde coletiva? A proposta seria buscar como era, para uma mulher com as minhas características, conviver com a deficiência; as questões de preconceito vivenciadas; o meu desejo latente de estudar comunicação social. A proposta seria lembrar as diversas vezes em que tentei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a minha falta de confiança naquele momento;

2. Como foi para a Rita receber a professora com as alunas? A proposta seria apresentar como foi a experiência de ter sido acompanhada pelo grupo;

3. Qual o impacto da atuação daquela equipe de saúde coletiva para a minha vida?

A partir dessas questões, apresento, a seguir, um relato narrativo, escrito sobre esse processo. Ele foi finalizado no dia do professor, em 15 de outubro de 2022, embora tenha iniciado sua composição desde novembro de 2021<sup>3</sup>. A partir desse momento, até antes das Considerações Finais, o texto ganha um caráter bastante afetivo, recorrendo, à primeira pessoa do singular, como estratégia narrativa para a construção da pesquisa com os afetos. Aqui, o olhar, o cuidado e o encontro apareceram como disposições estéticas fundamentais ao rompimento das latências e à instituição de um espaço público nos modos como um corpo com deficiência passou a tomar assento na mesa dos negócios humanos, com suas diferenças.

---

<sup>3</sup> Como apresentado na introdução da monografia, este artigo é resultante de uma pesquisa de iniciação científica, que aconteceu entre os meses de novembro de 2021 e outubro de 2022, financiada pelo Edital Pibic-UFV/Fapemig.

## **4. Resultados e discussões**

### **4.1. Tonalidades afetivas iniciais: narrativas de um sentir transformador**

Hoje, dia do professor, rendo honras à Deise Moura de Oliveira<sup>4</sup>. Enfermeira. Docente do Departamento de Medicina e Enfermagem da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Ela me ajudou a abrir as portas do mundo interior. Semeou a curiosidade inicial, lançou as bases de tudo o que me permitiu pensar, sentir e conhecer o Ensino Superior. Ela é como uma jardineira, cuidando de sementes, mudas, plantas... adubando, colocando água, cuidando... E, por mais que uma jardineira tenha o seu valor (ela foi aprendendo ao longo da vida a também acolher esse valor, a reconhecer, na justa medida - nem mais, nem menos), a beleza é da planta. Por mais que consigamos explicar as coisas, há um mistério no crescimento da semente: a força, a recepção da água, o enraizamento na terra, o amadurecimento, as flores e os frutos não são nunca (nunca mesmo!) da jardineira, mas desse mistério da vida. E que alegria tê-la como protagonista do capítulo deste livro, um marco importante em minha trajetória acadêmica no Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa.

Obrigada por ser acalento!

Obrigada por ser presença!

Obrigada por ser esperança!

Obrigada por sonhar meu sonho comigo: entrar na UFV!

---

<sup>4</sup> Doutora em Ciências pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (2013). Professora do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e do Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde, também da UFV. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Enfermagem com Abordagens Fenomenológicas (EEUSP), líder do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Saúde (UFV) e também líder do Grupo de Pesquisa e Práticas em Saúde Coletiva (GRUPPESC).

#### 4.2. O olhar, o cuidado e o encontro: o acesso afetivo à UFV

É exatamente sobre o olhar à diferença que decidi falar neste relato de experiência. Parece que foi ontem. O ano era 2017. Eu não tinha noção do que me esperava e se daria conta de encará-la. Meu pensamento pairava pelo ar enquanto me deslocava para a sala. Como seria uma experiência em saúde coletiva? Como seria encontrar alguém que sequer conhecia?! Quem estaria por lá? Quais olhares eu receberia? O que significaria entregar o diagnóstico para aquela enfermeira que viria à minha casa, e que eu desconhecia? Muitas perguntas, nenhuma resposta.

À frente da coordenação de um campo de prática em saúde coletiva, visitando minha casa, avistei-a! Olhos luminosos, sorriso marcante, cabelo ruivo que se destaca de longe, armação de óculos no mesmo tom – ainda com pequenas estampas nas laterais. Suas unhas pintadas em esmalte metálico – V-E-R-M-E-L-H-O – cuja tonalidade me remete à uma MAÇÃ DO AMOR, entram em harmonia com o jaleco branco – a cor da sua roupa transmite a paz – acompanhado pelo brasão da instituição – é a segunda melhor do Estado de Minas Gerais – e a 13ª do país de acordo com o Ranking Universitário da Folha (RUF) de 2017.<sup>5</sup> Eis que chegava junto com ela, à minha residência, a Universidade Federal de Viçosa.

Minha pequenez! Eu tinha medo de injeção quando era criança. Sutilmente! Eu ouço uma voz, bem perto a chamar, vem de dentro de mim. Ela me diz: – Vem! Ela me diz: – Vem! Ela me diz: – Vem! Eu vou além! – É só uma picadinha, Rita! Não dói nada!<sup>6</sup>

Embora tenha sido desconfortável carregar um envelope abarrotado de características específicas de um corpo com deficiência e mover pela sala, assim interpretei que era a maneira de eu ser acolhida ‘pela *lady in red* do GRUPPESC’ da UFV<sup>7</sup>! Ela não teve medo de ir ao encontro de uma aluna diferente. Fui abraçada pela professora de enfermagem da UFV!

---

<sup>5</sup> Notícia publicada em 19 de setembro de 2017, na UFV.

Disponível em: <https://www2.dti.ufv.br/noticias/scripts/exibeNoticiaMulti.php?codNot=27890>

<sup>6</sup> Essa é a história de uma menina que teve que passar por muitas dores enquanto crescia. Obviamente, nem a agulha, nem a injeção nunca existiram - são apenas metáforas. Situações traumáticas, advindas da infância, adolescência e fase adulta com profissionais da saúde: enfermeiros, fisioterapeutas, médicos entre outros. Muitas eram as dúvidas antes da sua chegada na minha casa. Medos, inseguranças, esperança e ansiedade se misturavam ao sentimento transformador que ela me fez sentir, já no primeiro encontro.

<sup>7</sup> Deise Moura de Oliveira é conhecida, carinhosamente, como *lady in red* por estudantes de graduação, pós-graduação e docentes do GRUPPESC, conforme uma publicação na rede social Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CN5MhQXhyYA/>

Ela não usa um tom superior de voz. É calma em meio à tempestade. É música boa. É parceria de vida. É cúmplice da alma. Encostando-me! Pouco a pouco! Corpo a corpo! Meu corpo em seu corpo! Eu ouço uma voz embalando meu coração, vem cantando em meu ouvido uma canção: – Vai passar! – Vai passar! – Vai passar! – Eu sei que vai passar! Silêncio! Invernia! – Você está sentindo frio, minha querida?! É assim, o cuidado que recebe um bebê prematuro a caminho da incubadora, que tenho agora a honra de contar sobre sua primeira autora, e as lágrimas despencam em meio ao rascunho escrito à moda antiga de uma jornalista<sup>8</sup>.

Sentia-me esgotada. Não havia Raimundo. Meu pai morreu. Ele faleceu em 2014, vítima de um acidente de carro. Não havia o alicerce da minha família. Não havia o ouvinte assíduo do programa: “Nossa Terra, Nossas Canções”, da Rádio Viçosa 95 FM – com a apresentação de Divino Amaral<sup>9</sup>. Minha vida virou de ponta cabeça.

Eu não decidi ficar. Eu não percebi cair. Ouvimos juntas o som do envelope ao chão! Diagnósticos despencados! É a gentileza desobrigada! É mão amiga, é coragem, é sensibilidade. Ela inclinou-se, recolhendo o envelope diante de mim, como quem faz referência.

Eu estava certa! Ela já sabia de tudo quando veio ao meu encontro! Desde o parto prematuro, a ruptura entre o desejo de ser a filha “perfeita” de um casal, e a realidade de ter nascido com Paralisia Cerebral, diplegia espástica<sup>10</sup>.

Eu preenchia os requisitos para ser a vítima. O corpo torto, por vezes, não obedecia, caminhava mal. A mim, o mundo reservava apenas um destino: o de ser coitada. Me perguntavam sobre a educação básica de uma pessoa com deficiência. Em resposta: – Eu estudei em escola pública.... – Eu não mudei de escola.... – Eu nunca fui reprovada.... E mesmo assim, não tinha conseguido ser aprovada na UFV, depois de tentar várias vezes. Então, seria meu destino ficar em casa?

---

<sup>8</sup> Sonho de criança: ela me acolheu em seus próprios braços, me acalmando em seu peito, um repouso no abraço do seu abraço. E com sua doçura, vem meu sono despertar. Saiu dos meus sonhos, de um simples desejo que tive a vida inteira de encontrá-la.

<sup>9</sup> A Rádio Viçosa 95 FM possui o Programa Nossa Terra, Nossas Canções, com o locutor Divino Amaral, que há mais de trinta anos trabalha neste programa especificamente sertanejo.

<sup>10</sup> Parto prematuro, sofrimento fetal, atraso no desenvolvimento motor. CID: Paralisia cerebral diplégica espástica (G801).

Seus olhos atentos viram uma menina que já se arriscou como cantora soltando a sua voz em um casamento. Se essa rua fosse minha foi a canção escolhida.<sup>11</sup> É uma emoção forte falar de um dos momentos mais importantes da minha vida, em que pude me ver como alguém não reclusa, como alguém que pode existir e aparecer, em meio aos outros. Esse registro é de uma fase que marcou profundamente a minha infância. Tenho lembrança dos ensaios, da ansiedade, da alegria do noivo e da noiva me esperando no altar e de ouvir o Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho<sup>12</sup> pronunciar meu nome antes de entrar e cantar. Lembro-me das rosas, dos aplausos e dos cumprimentos ao final da cerimônia, na Igreja Matriz Santa Rita de Cássia<sup>13</sup>.



Figura 1: Rita Cristina da Silva cantando no casamento de Elaine e Ernando na Paróquia Santa Rita de Cássia, na cidade de Viçosa-MG, em 09 de novembro de 2002.  
Fonte: Arquivo pessoal da primeira autora.

---

<sup>11</sup> Se essa rua fosse minha. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/cantigas-populares/134098/>

<sup>12</sup> Acadêmico da AML, o jornalista, professor e cônego José Geraldo conversa sobre sua vida. Disponível em: <https://www.jornalismo.ufv.br/narrativas/2018/06/04/academico-da-aml-o-jornalista-professor-e-conego-jose-geraldo-conversa-sobre-sua-vida/>. Produzido por: Marco Túlio de Miranda, Francielle da Paixão, Rita Cristina da Silva (primeira autora) e Stefany Peron. Professor orientador: Ricardo Duarte.

<sup>13</sup> História da Paróquia de Santa Rita de Cássia, na cidade de Viçosa-MG. Disponível em: <https://santaritavicoso.com.br/pagina-historia>

Eu estava sem a perspectiva de estudar, e agora diante da professora (e de suas alunas), todas elas me tratando de igual para igual. Deíse Moura, em particular, expressava também, naquele momento, a dor e a tristeza pela partida de seu próprio pai. Seu gesto me trouxe afago num daqueles momentos que se apresentavam como um dos mais angustiantes do luto: “É uma sensação comum. O choque é um fenômeno que diminui a oxigenação do corpo, faz o pulso enfraquecer, os olhos perderem o brilho e a pressão arterial baixar” (NOGUERA, 2022, p. 10).

O estranhamento inicial foi se transformando em afeto, confiança, alegria, entrega e reciprocidade. Quantos aprendizados e desaprendizados! Deíse Moura chegou como uma professora do Curso de Enfermagem, como Universidade Federal de Viçosa. Mas o contato que ela manteve comigo foi para muito além: ela não manifestou medo, ao se deparar comigo. Não houve fotografia, não houve filmagem, não foram emitidas perguntas constrangedoras. Ela não me tratou com distância, nem unicamente com técnica. Ela me tratou como pessoa: me senti, antes de tudo, ouvida e considerada. Estava diante de alguém e, nesse momento, eu aparecia, junto com a minha condição, mas não era resumida a ela. Ela me lembrou o que tenho de bom e, naquele momento, eu não tinha mais dezoito anos, sem a expectativa de entrar na universidade. Mas eis que a magia parece ter se dado: a partir de conversas e vários outros encontros, me senti encorajada, recebendo apoio da equipe para estudar para o Enem; recebi olhares, conversas e afeto.

Pensar em Ana Luiza<sup>14</sup>, Carolina Dalfior<sup>15</sup>, Isabella Almada<sup>16</sup> e Aline Godinho<sup>17</sup> é lembrar de uma prosa prolongada, boas risadas e recordações que diminuíram a distância geográfica, o tempo que nos separa e a participação colaborativa na elaboração do plano de estudos, do empréstimo de apostilas e de vídeo-aulas e das orientações no sofá de casa.

Naqueles encontros, recebi *hospitalidade*. E, a partir dela, a UFV se abriu para mim, antes mesmo que, em 2018, eu tivesse a notícia de que tinha sido aprovada no ENEM. Naquele instante, minha vida seria alterada de forma singular. Recebi essa mensagem das estudantes de enfermagem, após a minha aprovação. Desse gesto, nunca me esquecerei:

---

<sup>14</sup> Formou-se no Curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), em janeiro de 2020.

<sup>15</sup> Formou-se no Curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), em janeiro de 2020.

<sup>16</sup> Formou-se no Curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), em janeiro de 2020.

<sup>17</sup> Formou-se no Curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), em janeiro de 2020.

*Ana Luiza:*

Estou muito feliz!!!! Você é muito merecedora!! Parabéns pelo seu empenho, você é muito inteligente, e ainda terá muito sucesso pela frente!!! Não tenho dúvidas... Estamos sempre à disposição.. qualquer dúvida, ajuda que precisar, não deixe de falar! Sério mesmo, estamos aí pra isso!!! Parabéns!

*Carolina Dalfior:*

Ah, linda! Muito obrigada você, pelos ensinamentos de vida que nos deu. O que precisar pode contar com a gente, tá?!

*Isabella Almada:*

Parabéns, Rita! Você merece demais, e vai ser uma ótima profissional. Precisando da gente pode falar, estamos à disposição. Muito sucesso nessa nova caminhada!!! E obrigada por acolher tão bem o nosso grupo.

*Aline Godinho:*

Que linda! Rita, você merece tudo de melhor na sua vida! Parabéns!  
(Messenger, 2018)

E da *Deise Moura*, recebi essa mensagem. Inesquecível:

Querida Rita, assino embaixo em tudo o que as meninas falaram. Enxergamos muita luz e inteligência em você e desejávamos que você também pudesse reconhecer isso em você. O caminho para o sucesso depende da forma como acolhemos nossas limitações e principalmente nossas potencialidades, que podem ancorar nossos sonhos e nos dar esperança de dias melhores para sempre. Você é super merecedora de tudo o que alcançou e que ainda alcançará nessa jornada. Somos gratas a Deus por ter colocado você e sua família no nosso caminho. Muito mais aprendemos do que deixamos algo e ficamos muito felizes pelo fato de esse pouco deixado ter mediado uma ponte para a realização do seu sonho profissional. Conte sempre conosco! Calouro tem sempre muitas dúvidas e as meninas em especial, por terem passado por essa experiência, poderão te ajudar. Vou visitar vocês em breve. Um abraço apertado para a caloura da UFV mais especial de todas! Sucesso!!!!!!!!!!!!!! (Messenger, 2018).

Eu estava no curso que sempre sonhei, e vivenciando várias outras experiências com a instituição, em meio às quais meu corpo marcado por diferenças estaria a desafiar e a buscar atualizações em toda aquela experiência organizacional - não somente para mim, mas para professores, estudantes e corpo técnico da instituição. Assim, pude ter acesso àquela organização - UFV - e agora como uma de suas integrantes. Diante da aparência de minha diferença, pelo olhar que me considerou; pelo cuidado que me encorajou; e pelo encontro com minha própria possibilidade de narrar meus passados e meus desejos por novos horizontes, eis que estive diante de uma linda, marcante e transformadora experiência de acessibilidade afetiva.



## **CAPÍTULO 2: ACESSIBILIDADE AFETIVA EM CONTEXTOS ORGANIZACIONAIS: experiências de uma mulher com deficiência em cenários pandêmicos nos espaços interacionais de uma Universidade Pública**

**Resumo:** Este capítulo narra experiências de uma mulher com deficiência em espaços interacionais de uma universidade pública, reconfigurados pelos cenários da pandemia da Covid-19, com o objetivo de investigar a noção de acessibilidade afetiva em contextos organizacionais. Para isso, busca os conceitos de acessibilidade afetiva de Pessoa (2019) e de corpo, conhecimento e experiência de Mendonça (2021), problematizando-os junto às recentes legislações sobre inclusão, que preconizam a acessibilidade de pessoas com deficiência em ambientes organizacionais, a partir da análise de Mantovani e Pessoa (2022). A partir da abordagem metodológica dos afetos (Moriceau, 2019), com foco na escrita afetiva (Moriceau, 2021), o texto apresenta, como resultados, narrativas da autora a partir do momento em que a mesma passou a conviver e a estudar, no âmbito da Universidade Federal de Viçosa, quando a mesma foi afetada pela pandemia, entre os anos de 2020 e 2023. Nas narrativas apresentadas, é possível evidenciar a emergência de espaços e de relações de inclusão, mesmo diante de desafios vivenciados em contextos pandêmicos - muitos dos quais foram aqui narrados, por fazerem parte do período de realização da pesquisa.

**Palavras-chave:** acessibilidade afetiva; contextos organizacionais; estudos sobre deficiências.

### **1. Introdução**

No capítulo anterior, apresentei minhas experiências, sobretudo com contextos organizacionais que me levaram a adentrar, como estudante, a Universidade Federal de Viçosa (UFV). Neste capítulo, minha proposta é de continuar a narrativa de tais experiências, tendo como foco minha inserção na Ufv, entre os anos de 2018 e 2023. Nesse período, destaco um dado em especial, ocorrido entre os anos de 2020 e 2023: a pandemia global causada pelo coronavírus, que afetou, decisivamente, os contextos mundiais, atribuindo novas configurações nas relações vivenciadas a partir da recomendação por isolamento social.

Dessa forma, neste capítulo, tentarei narrar alguns “bastidores” que constituíram o próprio gesto motivador dessa pesquisa, iniciada nos contextos pandêmicos - estes que, no âmbito de muitas universidades públicas, foram instituídos por períodos especiais remotos. Neste caso, darei mais foco ao Período Especial Remoto III, instituído pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Dessa forma, discorrerei assim sobre algumas das bases teóricas que nos têm sido indispensáveis e, ao mesmo tempo, exporei as razões que motivaram o meu interesse por este tipo de pesquisa.

Nesse sentido, as narrativas demonstram, a partir das minhas vivências, não apenas impressões, mas, sobretudo, posições concretas assumidas por (i) docentes, com as/os quais mantive contato; e (ii) práticas e estratégias de profissionais atentos para essas questões ao elaborarem e disponibilizarem recursos didáticos, pedagógicos, assistivos mais adequados que contribuíram com a inserção, a convivência e a permanência de uma mulher com deficiência no Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (COM | UFV). Dessa forma, desejo afirmar que é possível fazer diferença na vida de pessoas com deficiência (PcD), com atitudes simples e que exigem apenas a sensibilidade de enxergar o outro para além do que a sociedade e ele mesmo (produto da sociedade) é capaz de ver.

Ressalto que este texto é continuidade do Projeto de Pesquisa “AS ORGANIZAÇÕES MODERNAS E O CONTEMPORÂNEO: tensões entre diferenças, comunicação e acessibilidade afetiva”, financiado com recursos da FAPEMIG. Graças a ele, continuamos nossos estudos sobre a acessibilidade afetiva proposta por Pessoa (2019), vista pelo crivo da abordagem dos afetos (Moriceau, 2019), com foco na escrita afetiva (Moriceau, 2021). Sendo assim, ele se constitui por três partes, para além desta introdução: a) na primeira, Fundamentação Teórica, busco mobilizar as noções de acessibilidade afetiva de Pessoa (2019) e de corpo, conhecimento e experiência de Mendonça (2021), tomando-os em relação às recentes legislações sobre inclusão em contextos organizacionais, a partir da análise de Mantovani e Pessoa (2022); b) na segunda, Metodologia, busco seguir a abordagem metodológica dos afetos (Moriceau, 2019), apresentando questões sobre a escrita afetiva (Moriceau, 2021); e c) na terceira, apresento narrativas com foco nas experiências vivenciadas em cenários pandêmicos. Por fim, o capítulo apresenta breves considerações finais.

## **2. Fundamentação Teórica**

### **2.1. Universidade, acessibilidade afetiva e corpos sensíveis na pesquisa**

A Lei nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência), é uma das leis mais completas sobre a acessibilidade no Brasil. A proposta é combater a discriminação e promover o direito à igualdade de oportunidades visando à sua inclusão social e cidadania. Apesar das leis sobre acessibilidade existirem há um tempo, todos os dias, as pessoas com deficiência cruzam com diversas barreiras devido à falta de acessibilidade. Sim, ainda hoje, é uma realidade constante! Isso acontece quando as calçadas não têm piso tátil,

desníveis e degraus impossibilitando tanto as pessoas cegas ou com baixa visão quanto as pessoas que usam cadeiras de rodas ou bengalas canadenses de locomoverem-se com segurança e autonomia. Até mesmo, quando um cadeirante deseja assistir uma aula ou realizar uma prova, mas o prédio não possui rampa de acesso ou elevador; um surdo ou ensurdecido vai a uma apresentação cultural – exposição fotográfica e poética, mas ela não tem legenda e nem interpretação para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e audiodescrição para cegos.

No caso da UFV, que não é diferente do que acontece em outras instituições, muitas adaptações ainda precisam ser feitas à estrutura física dos *campi* para que esses alunos sejam bem recebidos e possam se sentir no pleno gozo de seus direitos. Uma das principais dificuldades encontradas na busca pela inclusão é a diversidade dos tipos de deficiência, que demandam medidas distintas.

Em atendimento à legislação vigente e considerando a necessidade de assegurar aos estudantes com algum tipo de deficiência física e/ou sensorial (visual, auditiva e mental) as condições básicas de acesso ao ensino, de mobilidade e de utilização de equipamentos e instalações, a UFV está construindo e adaptando edificações no sentido de possibilitar acesso irrestrito a diferentes espaços. As ações incluem: reserva e sinalização de vagas em estacionamentos; instalação de elevadores em edifícios, rampas, corrimãos, barras de apoio nas paredes, lavabos, bebedouros, carteiras adaptadas e telefones públicos em altura acessível; construção de inclinações adequadas, com espaços suficientes para locomoção, e de instalações sanitárias com portas adaptadas, permitindo o acesso aos espaços de uso coletivo (PDI-UFV, 2018-2023, p.85).

Mesmo que a educação, por lei, seja um direito de todos, sabemos que isso ainda não é realidade para muitos estudantes brasileiros. Ademais, diante do contexto político vigente, mais do que nunca, será preciso repensar meios e condições para que todos tenham igualdade e equidade de condições de acesso a esse direito.

Pensar na inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior passa não apenas por políticas que visem promover o acesso, mas também por uma delicada e complexa relação que se estabelece em sala de aula entre alunos e professores. Se nos contextos presenciais os desafios já se apresentavam, no Ensino Remoto Emergencial (ERE<sup>18</sup>) eles adquiriram uma outra perspectiva (Mantovani e Pessoa, 2022, p. 153).

Embora ainda existam desafios e obstáculos que precisam ser vencidos em relação à educação de pessoas com deficiência, percebe-se que já há uma razoável conquista quando há dedicação e atenção ao reconhecimento das diferenças, ou seja, quando existe a busca pela

---

<sup>18</sup> O termo ERE, utilizado pelas autoras, significa Ensino Remoto Emergencial, utilizado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) quando instituiu a continuidade do ensino superior nos contextos da pandemia da Covid-19. Tal relato encontra-se no livro eletrônico: Trilhas e desafios do ensino remoto emergencial.

promoção de um ambiente adequado às necessidades educacionais de cada pessoa. Tal gesto se intensificou ainda mais a partir dos grandes impactos causados pelos contextos da pandemia da Covid-19: novas configurações da acessibilidade e da inclusão emergiram e trouxeram desafios às organizações educacionais e científicas:

No caso da inserção de pessoas com deficiência no ensino superior, isso implica, em última instância, na criação de condições de permanência ou não dos estudantes nos Cursos. No ERE, com as atividades acadêmicas curriculares em ambientes digitais, a mobilidade se tornou um grande desafio para garantir não um transitar de estudantes com deficiência em espaços arquitetônicos da Universidade, mas propiciar experiências de um mover-se em segurança e com confiança na disciplina em meio aos colegas de turma e práticas pedagógicas (Ibidem, p.158-159).

Muitas vezes, nos contextos organizacionais de uma universidade pública, o/a docente é forçado a encontrar soluções criativas para os problemas que lhe impõem, contornando os imprevistos e os desconhecimentos (ou gafes) cometidos durante as aulas e junto à elaboração de materiais pedagógicos. Isso reforça o papel do professor como mediador entre o conhecimento construído e reconstruído pelos estudantes, conforme afirma Massetto (2000, p. 145):

É importante ressaltar que não se pode pensar no uso de uma tecnologia sozinha ou isolada, seja na educação presencial ou na virtual. Requer um planejamento para que várias atividades se integrem em busca de objetivos determinados e que as técnicas sejam escolhidas, planejadas para que a aprendizagem aconteça.

Segundo Bueno (2020) decisões precisam ser tomadas pelos professores, estudantes e técnicos acerca da inclusão de estudantes com deficiência:

Se aceitamos como válida e importante esta diversidade, como, por exemplo, a absoluta necessidade de se relacionar com os públicos (já não estamos mais nos referindo a público no singular) de forma distinta. Ou seja, se os públicos têm características, perfis e, por extensão, demandas diferentes, faz sentido levar isso em conta no planejamento da comunicação interna.

É nessa direção que parto de uma intuição como movimento metodológico para me guiar na apresentação do problema de pesquisa: como os espaços interacionais de uma organização - a Universidade Federal de Viçosa - podem se ofertar como ambientes relacionais privilegiados a uma problematização da acessibilidade afetiva (PESSOA, 2019), sobretudo quando os mesmos foram afetados pela pandemia da Covid-19?

Neste sentido, estou assumindo a minha proximidade do tão requisitado lugar de fala, como pesquisadora vinculada ao DIZ - Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença e ao Pólen - Laboratório de Experimentação em Comunicação e Organizações, por entender que:

A narrativa – ou relato, ou história – de vida está ligada ao exercício da memória de quem a concebe. A memória de um ser humano é um universo onde diferentes vozes se conjugam, além da voz do ser que reflete sobre si e sobre sua existência. Essas vozes “falam” de acontecimentos pessoais, vividos pelo indivíduo em pauta, mas também de acontecimentos coletivos dos quais o indivíduo, participou de uma forma ou de outra forma (Machado, 2016, p 122).

Isso não significa, por outro lado, que um relato deva ser frio e fechado, devendo o pesquisador ter em mente a necessidade de prender a atenção do leitor ao longo de toda a peça, por vezes extensa. Assim, “é, ao mesmo tempo, a voz de uma pesquisadora que, se ela é afetável, também sabe que está afetando” (Moriceau, 2021, p.19). A depender do tema abordado, caberá uma narração mais espontânea e mais detalhada, a partir da mobilização de aspectos que deverão evocar com maior intensidade a linguagem hospitaleira (Pessoa, 2019) estimuladora da imaginação, do envolvimento do leitor, convidando-o a participar da pesquisa:

Cotidianamente em nossos espaços de pesquisa, nos deparamos, do ponto de vista pragmático, com um incentivo de orientadores para que os pesquisadores invistam na experiência como construção de episteme e, paradoxalmente, nos deparamos com a resistência desses pesquisadores em situação de vulnerabilidade em assumir o tão reivindicado lugar de fala e a autoridade de quem tem a riqueza da experiência (Pessoa, 2021, p. 62).

Tendo em vista, a internacionalização da ciência e a formação de profissionais altamente qualificados e de rica experiência, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Viçosa (PIBIC/UFV), alinha-se às demandas de um mercado cada vez mais exigente. Muitas vezes, o pesquisador bolsista é forçado a encontrar soluções criativas para os desafios que lhe são impostos:

Imprevisto, estranho, o afeto é igualmente misturado. Ele é, ao mesmo tempo, bloco de sensações, impressões, emoções, desejos e experiência que ressoa com a memória, o histórico, o imaginário, o cultural, com as lutas do cotidiano e aquelas que não cessam de retornar” (Moriceau, 2021, p.20-21).

Nesse sentido, o/a bolsista tem a oportunidade de testar seus limites e reconhecer suas potencialidades, crescendo em autoconhecimento, resiliência, abnegação, paciência e autocontrole. De fato, “o conhecimento não se daria apenas na racionalidade da mente, mas também nos modos pelo quais o corpo experimenta a vida em comum. Esta é uma dimensão afetiva da experiência. Portanto, não é possível saber o que pode a mente sem saber-se o que pode um corpo” (Mendonça, 2021, p.39). Do mesmo modo, pode-se falar em um aprendizado que ultrapassa a esfera acadêmica, inclusive em suas dimensões técnica e mercadológica, criando condições fecundas para o desabrochar de “desenvolvimento psicológico, autoconfiança, amadurecimento, independência, capacidade de relacionar-se e, sentir-se ‘um cidadão do mundo’” (Oliveira e Pagliuca, 2012,p.196).

No que se refere ao encontro com a pessoa com deficiência , para que se configure de fato como um espaço frutuoso de trocas e de descoberta do diferente, é necessário não só abertura, mas iniciativa de ambas as partes. Na perspectiva de Bauman, “é possível ser diferente e viver junto. Pode-se aprender a arte de viver com a diferença, respeitando-a, salvaguardando a diversidade de um e aceitando a diversidade do outro” (Bauman, 2009, p.89). Nisso poderá consistir o principal desafio de conviver e aprender, mas também seu maior privilégio.

Ser afetado, portanto, é sofrer uma ação e por ela ser transformado. A afecção é uma transmutação da potência em ato. No mapa de nossa existência traçamos caminhos, pontos de chegada e partida, nos movimentamos enquanto vivemos. Durante as movimentações, seremos sempre transformados, nosso corpo muda – pelo deslocamento no espaço e pela inscrição do tempo em nossos tecidos –, nossa mente muda. Vivemos cercados de afetos e os utilizamos para habitar um mundo. (Mendonça, 2021, p.37-38).

Nesse sentido, apresentamos, a seguir, narrativas da primeira autora deste texto, quando afetada pelos contextos pandêmicos, com foco, inclusive, no desenvolvimento dessa pesquisa e de suas relações estabelecidas no contexto do ensino remoto, no âmbito da UFV. Para isso, adotará o gesto metodológico da abordagem afetiva, como será apresentado a seguir.

### **3. Metodologia**

Como já apresentado no primeiro capítulo, este texto centra-se num gesto metodológico de Jean-Luc Moriceau (2021, p.19), sobre o qual destacamos, nesse momento, aspectos ligados à escrita afetiva:

A busca por uma forma de escrever faz parte da pesquisa, é parte integrante de seu processo. A escrita guiada pelos afetos busca certa correção, quer fazer justiça à experiência e às pessoas encontradas, gostaria de conservar a sua sensibilidade e respeitar a diversidade e a complexidade das trocas e formas de vida.

Nesse contexto, impossível também desconsiderar que este texto se insere em um grupo de pesquisa - DIZ - que possui como modo de investigação perspectivas estéticas nos estudos de gênero:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (Butler, 2003, p. 59).

Assim, as representações diversas de pessoas com deficiência variam no contexto tempo/espaço, e não podem desconsiderar as questões ligadas ao aparecer do gênero. Dito por outras palavras, embora as mesmas não tenham sido foco principal de objeto dessa pesquisa, não é possível desconsiderar que as narrativas apresentadas se referem ao corpo de uma mulher. De tal sorte, o papel social esperado para pesquisadoras (e também pesquisadores) com deficiência, nesses tempos de agora, é diferente do que era atribuído desde o início deste século:

Não podemos resumir as pessoas com sua deficiência, nosso futuro não depende dela, então, não reduza uma mulher só à sua deficiência ela não simbolizar nossas características humanas. Além disso, através da deficiência nós criamos uma imagem de que essas pessoas são incapazes, no sentido de que não têm capacidade de realizar sonhos. Respeitar a diferença dos corpos nos permite de viver nossos direitos plenamente. A questão da deficiência não pode ser usada como um adjetivo de incapaz porque qualquer ser humano que nasceu neste mundo deve ter seus direitos garantidos para viver uma vida digna (Civil *et. al.*, 2021, p. 127).

As pesquisas neste campo priorizam a descrição e problematização atinente à identificação de desafios/dilemas/tensões/problemas postos à vida de pessoas com deficiência, tal como as consequências para os indivíduos estudados. O foco da pesquisa deixa de ser encontrar respostas e verdades absolutas sobre e com deficiência, sobretudo nos contextos das organizações modernas do Estado, do Mercado e da Ciência (Braga, 2008; Mafra, 2021):

Por vezes, a reivindicação de sujeitos em situações de vulnerabilidades se torna tão premente, no limiar entre a existência e a sobrevivência literal, que exige do pesquisador um afastar-se para um reposicionar-se. Exige também das próprias pessoas em situação de deficiência a compreensão de que a colaboração na pesquisa não é uma solução de problemas cotidianos. É um

equilíbrio da tensão entre a suportabilidade do pesquisador do ser afetado pela suas próprias experiências e pelo corpus sensível e a responsabilidade de afetar os outros (Pessoa, 2021, p.61).

Compreendemos esta pesquisa como virada afetiva, uma vez que queremos nos debruçar sobre “estados afetivos e não somente pelas vias cognitivas”(Mendonça, 2021, p. 43) do assunto pesquisado:

Acatar a presença dos afetos na elaboração da pesquisa não significa deixar de lado os argumentos e suas capacidades para validarem uma hipótese. Muito menos significa assumir o lugar de juiz no tribunal dos saberes, validando esta ou aquela maneira de investigar. No exercício de aceitação dos afetos como uma via de conexão e reconhecimentos de mundos está uma outra maneira de fazer perguntas, de produzir hipóteses de tratar o vivido, de reconhecer a vida ordinária, o banal como fonte de saber (Ibidem, 2021, p. 43).

Como procedimento metodológico para análise dos dados, foi utilizada a escrita afetiva. Segundo Jean-Luc Moriceau (2021, p.21),

A escrita afetiva é, de fato, uma fonte de experiência. Ela retém um elemento de estranheza e desestabilização, para precisão e autenticidade do testemunho e para nos levar a (re)pensar. É a reflexividade do leitor que é visada, não seu assentimento ao nosso ponto de vista e, portanto, muitas vezes o texto não indica uma resolução. O autor pode indicar aquilo sobre o que o encontro o fez pensar, mas nunca sob a forma prescritiva do que pensar sobre ele, apenas como uma proposição de sentido a ser discutida.

A principal potencialidade do/a orientador/a é verificar pontos de convergências e divergências do/a participante. Estes devem ser estimulados a participarem, priorizando o diálogo entre si. Neste momento, o/a pesquisador/a muito tem a falar, devendo dar sua opinião, servindo apenas para manter as discussões do grupo com foco de acordo com os objetivos da pesquisa.

Por outro lado, compartilhar é me expor, é dar a mim mesma a chance de ser ouvida, de tirar de mim o que me atormenta. É dar ao outro também a oportunidade de me questionar, de discordar, de me provocar, quem sabe, a pensar de outro modo. É também uma possibilidade de estar comigo, em pesquisa e em atitudes de vida (Pessoa, 2021, p.58).

É nesse sentido que as narrativas apresentadas a seguir, em primeira pessoa do singular, são reveladoras de vivências presentes na experiência pública de quem pesquisa - uma mulher com deficiência. Elas se referem às suas experiências na Universidade Federal de Viçosa, no campo do ensino e da pesquisa, nos períodos pandêmicos. Quanto a isso, importante dizer que a pesquisa em questão trata-se de um projeto no âmbito da graduação,



contemplado no capítulo anterior deste trabalho com financiamento (bolsa), muito embora seja de se destacar o suporte oferecido pelo Departamento de Comunicação Social da UFV (DCM/UFV), ao qual está vinculado o curso. Ele foi desenvolvido no contexto do Período Especial Remoto III, acontecendo parcialmente sem o contato presencial, sendo utilizada, para a formalização das atividades desempenhadas pela discente, a plataforma do G-Suit (pacote corporativo do Google) oferecida pela universidade - assim como oficinas, aulas e reuniões aconteceram no espaço do Google Meet, sendo o Google Drive utilizado para o armazenamento e o compartilhamento de arquivos. Deliberações e orientações pontuais também foram realizadas por meio do aplicativo gratuito de mensagens WhatsApp.

Nesse momento, a escrita afetiva apresenta a tonalidade principal do texto, com vistas a dar concretude às recomendações de Moriceau (2021) e Pessoa (2021). Nos breves relatos - embora bastante significativos, de um ponto de vista da singularidade da experiência-, serão apresentadas as minhas experiências, com foco em dois momentos principais: a) meu encontro com a professora Sônia Pessoa, em uma reunião do Grupo Afetos - (Grupo de Pesquisa em Comunicação, Discursos e Experiências). Importante destacar que tal encontro fez parte das atividades de pesquisa, já desenvolvidas remotamente em diálogo com meu orientador - razão pela qual conversas e mensagens trocadas via aplicativo WhatsApp também serão mobilizadas para produzir sentido e presença na escrita afetiva; e b) meu encontro com a professora Mariana Procópio, no âmbito do ensino, mais propriamente junto à disciplina COM 385 - Laboratório de Telejornalismo.

## **4. Resultados e discussões**

### **4.1. A escrita afetiva sobre Sônia Pessoa**

Morena, olhos amendoados, cabelos anelados, armação de óculos no mesmo tom. Unhas pintadas em vermelho, entram em harmonia com o batom da mesma cor. Atrás de um mundo de amor e dor, mora Sônia Caldas Pessoa<sup>19</sup>. O sobrenome combina com seu lado místico: a poesia, o verbo, a saudade. Parte do que é hoje, nutrem sua vida.

---

<sup>19</sup> Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM/UFMG). Co-coordenadora da Rádio Terceiro Andar, do Laboratório de Experimentações Sonoras (FAFICH/UFMG) e do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades.

Sentada à minha frente, com uma blusa – A-M-A-R-E-L-A – cuja tonalidade me remete ao contorno de um quadro negro, ela dizia cordialmente: – Seja bem vinda, Rita! Mantém a classe, o equilíbrio, é fiel em seus estudos sobre Imaginários Sociodiscursivos de Patrick Charaudeau. – E eu?! Sou só mais uma na multidão, um corpo largado que nunca se endireitou.

– Ah, Sônia! Se a beleza está no olhar, no meu – P-E-D-R-O – chegou e resolveu ficar pra me fazer companhia do início ao fim da pesquisa. O que nos difere nos aproxima. – Acessibilidade afetiva?! É arte que ela domina! – Eu então regresssei...

Comentário Questão: Rita, estou impressionado com o amadurecimento de seu texto como pesquisadora! Ele é forte, preciso e faz com que a teoria se torne viva - um dos meus principais objetivos com a disciplina. Muitos parabéns!!! (Relato Narrativo-Conceitual 1 – PVAnet, Rennan Mafra, 09/08/2021).<sup>20</sup>

O Relato Narrativo Conceitual é uma produção textual feita a partir de uma narrativa livre referente às aulas, entremeadas com os conceitos ministrados e os exemplos discutidos em sala. Recordando-me experiências subjetivas com as aulas, sobretudo evidenciando o modo como os conceitos e os exemplos afetaram a percepção de mundo e o olhar individual;

Comentário Questão: Rita... você sempre me deixa assim, sem palavras, diante dos seus relatos... para além da visível competência conceitual - e estou impressionado, cada vez mais, com a sua maturidade acadêmica, que foi se aprimorando desde o primeiro período, e hoje, brilha! - a expressão existencial dos seus exemplos é muito forte, potente e torna a teoria viva, pronta para ser usada como lente a ler o mundo... obrigado demais por sua confiança em partilhar algo tão íntimo/tão seu... agradeço e reverencio esse gesto de tanta riqueza.... obrigado demais! (Relato Narrativo-Conceitual 2 – PVAnet, Rennan Mafra, 23/08/2021).<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> O Relato Narrativo-Conceitual 1 trouxe/traz uma análise da matéria “Com paralisia cerebral, estudante da UnB vira ícone de autoestima no TikTok”, publicada por Metrôpoles no dia 18/07/2020, tendo em vista as principais categorias oferecidas por Telles (1990) e Calvet (2009) em Hannah Arendt, a saber, as noções de aparência, de diferença e de mundo comum. Para isso, serão tomados como referência os textos embaixadores da disciplina COM 401 – Comunicação e Política, ministrada pelo Professor Rennan Lanna Martins Mafra, bem como as discussões realizadas em aula. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/com-paralisia-cerebral-estudante-da-unb-vira-icone-da-autoestima-no-tiktok>> Acesso em: 04 de ago. de 2021.

<sup>21</sup> No Relato Narrativo-Conceitual 2 foi desenvolvida uma análise do Programa Contrarregra | Temp 7 | Acessibilidade | Bloco 2, exibido em 18 de maio de 2018, tendo em vista as principais categorias oferecidas por Ângela Marques (2013; 2013) em Jacques Rancière, a saber, as noções de cenas de dissenso, verificação da igualdade, dano e subjetivação política. Para isso, foram tomados como referência os textos embaixadores desta disciplina. Disponível em: <[https://youtu.be/rUsh\\_tk\\_2GM](https://youtu.be/rUsh_tk_2GM)> Acesso em: 18 de ago. de 2021.

Assim, no horário destinado às atividades assíncronas, eu cumpri a função de memorização dos conteúdos, apropriação das aulas de acordo com as experiências individuais e promoção de uma escrita mais livre, promovendo uma aproximação com os conceitos da disciplina.

Querida Rita, bom dia!  
 Claro que posso reconsiderar sim!  
 Não comecei as correções ainda, está super em tempo!  
 Obrigado por suas palavras, Rita... de coração.  
 Aproveitando: nessa semana, na disciplina de comunicação organizacional, estou discutindo o tema da acessibilidade. Partilhei um texto da Sônia Pessoa que se chama "Acessibilidade afetiva? Da linguagem hospitaleira às redes de relações em organizações"<sup>22</sup>, e, é claro que me lembrei de você - das nossas conversas, experiências e aprendizados compartilhados. Ele está nesse livro, que compartilho contigo em anexo. Veja que texto mais necessário, forte, respeitoso, urgente. Tive o privilégio de ouvir a fala da Sônia, no dia em que o texto foi apresentado.  
 Um forte e fraterno abraço em você e em toda a sua família (em especial na D. Lúcia)  
 (Mensagem via e-mail institucional, Rennan Mafra, 15/09/2021).

Boa noite, Rita, tudo bem?  
 Segue o projeto que foi submetido... estou na torcida por nós!!!  
 Um fraterno abraço.  
 (Mensagem via e-mail institucional, Rennan Mafra, 29/09/2021)

Rita, bom dia! nosso projeto foi aprovado!!!! Viva!!!  
 Seguem informações sobre o calendário de cadastramento dos bolsistas (a partir do dia 22/10):  
 Cadastramento dos bolsistas: de 22/10/2021 a 26/10/2021.  
 Entrega da documentação do cadastro impressa na PPG: de 27/10/2021 a 29/10/2021.  
 Período de atividades do bolsista: de 01/11/2021 a 30/09/2022.  
 Ainda não tenho todas as informações, mas acho que, primeiro, eu devo te cadastrar no sistema; em seguida, você precisa entregar uma documentação impressa lá na PPG, até a próxima semana (até o dia 29).  
 Vamos nos falando para descobrir o processo - mas creio não ser nada muito complicado não...  
 Estou MUITO, MUITO feliz, Rita!!!!  
 Um abraço!!!! Assim que sair o resultado final, vou te dar notícias!!!!  
 Vamos celebrar tudo isso, apesar desse caos do final do semestre.  
 Mande um abraço apertado na sua Mãe!!!! A conquista é dela também!!!!  
 (Mensagem via WhatsApp, Rennan Mafra, 19/10/2021)

---

<sup>22</sup> Foi mais ou menos assim: ingressei no projeto de pesquisa dos meus sonhos.

Numa chamada pela Plataforma Zoom, Sônia me leva até sua casa, intimidade revelada no fundo de seu escritório. Na sua estante, branca de doze repartições cheia de livros, porta-retratos e o pequeno boneco do Bob Esponja, que demonstra o interesse pela área pesquisada se transpõe para o mundo físico, um reencontro pelas lentes da infância:

*“Respeito à diferença começa em casa, frequenta a escola e vive em sociedade”.*

*Blog – Tudo bem ser diferente<sup>23</sup>.*



Figura 2: Rita Cristina da Silva  
Praça Silviano Brandão, na cidade de Viçosa-MG  
Fonte: Arquivo pessoal da primeira autora.

- Eu vou ficar até a reunião acabar.
- Só pra ver se ela vai olhar pra mim!

“Rita e Rennan já tinham um encontro marcado, a UFV foi só o território paraalém do geográfico”(Sônia Pessoa, via Chat da Plataforma Zoom, 10/12/2021)

<sup>23</sup> O Blog Tudo Bem Ser Diferente (<https://tudobemserdiferente.wordpress.com>), idealizado por Sônia Caldas Pessoa aborda a educação inclusiva, compreendendo as diferenças, as deficiências e a diversidade. O blog foi criado para compartilhar desafios e narrativas sobre a inclusão da partir das experiências com o filho Pedro, que morreu aos 9 anos, em 2016, com hidrocefalia.

## 4.2. A escrita afetiva sobre Mariana Procópio

– Na vida acadêmica, até mesmo quando não está presente fisicamente a preocupação com outro e a amizade para Mariana Procópio se constroem naturalmente.

Querida Rita,

Seu e-mail encheu meu coração de alegrias e renovou minhas esperanças nesse fim de ano. Sim, é por uma educação para todos e de qualidade que lutamos e tenho certeza que será por meio dela que as mudanças em nossa sociedade irão acontecer.

Agradeço as gentis palavras a mim dirigidas. Foi uma grande alegria trabalhar com você e com sua turma, conviver e aprender com vocês nesse semestre. Espero que tenhamos outras oportunidades de trabalho juntas e não me esqueci também do nosso bate-papo!

Espero que você e sua família tenham um excelente Natal e um 2021 de muita saúde!

Um forte abraço,

(Mensagem via e-mail institucional, Mariana Procópio. 22/12/2020)

- Uma escolha, um caminho que as folhas no chão vão te indicar, um passado...
- Quem era a Rita antes da experiência de saúde coletiva?!

Querida Rita, bom dia! Nossa conversa de ontem ainda está ecoando em meus pensamentos e coração! Obrigada por compartilhar comigo sua história e por me permitir fazer parte dela! Você me faz crer na potência da universidade e num mundo melhor! Seguimos juntas! Conte comigo para o que precisar! Um forte abraço e bom final de semana - (11/09/2021).

- Ah, Mariana, a vida é mesmo uma aventura emocionante não?!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia, resultante de um projeto de iniciação científica, buscou investigar a acessibilidade afetiva, noção desenvolvida por Pessoa (2019), para compreender a inclusão de pessoas com deficiência em organizações, tomando como horizonte empírico os contextos comunicacionais de uma universidade pública. Para isso, narrou, como resultados, minhas experiências de mulher com deficiência nos ambientes organizacionais da Universidade Federal de Viçosa. De modo particular, a monografia foi apresentada em dois capítulos, correspondentes aos dois objetivos específicos então mobilizados: a) no primeiro, intitulado “O olhar, o cuidado e o encontro: acessibilidade afetiva, aparência e diferença no contexto organizacional de uma Universidade Pública”, procurei discutir conceitualmente a noção de acessibilidade afetiva em relação às diferenças de pessoas com deficiência nos contextos organizacionais modernos, e busquei narrar o meu aparecer, enquanto uma mulher com deficiência, ao entrar em interação sistemática com os ambientes organizacionais da Universidade Federal de Viçosa, antes de ser estudante; b) no segundo, intitulado “Acessibilidade afetiva em contextos organizacionais: experiências de uma mulher com deficiência em cenários pandêmicos nos espaços interacionais de uma Universidade Pública”, procurei problematizar as recentes legislações sobre inclusão que preconizam a acessibilidade de pessoas com deficiência na universidade, a partir do estudo de Mantovani e Pessoa (2022), e narrei algumas de minhas experiências, já como estudante do curso de comunicação social-jornalismo, quando fui afetada pela pandemia, entre os anos de 2020 e 2023.

No primeiro capítulo, busquei compreender o quanto a noção de acessibilidade afetiva, a partir da ideia de hospitalidade cunhada por Pessoa (2019), pode ser observada a partir de três disposições estéticas nos contextos comunicacionais das organizações: o olhar - o modo como a aparência da diferença emerge; o cuidado - as formas como o outro é tratado, em consonância com seu próprio desejo de tratamento; e o encontro - os modos como a aparência dispõe a diferença na mesa dos negócios humanos, e busca construir a possibilidade de uma existência inclusiva, justa e digna. Isso porque a presença de um corpo com deficiência junto aos ambientes relacionais das organizações não é necessariamente parte de um gesto de aparência: tal corpo pode estar num lugar e suas diferenças podem ser tomadas como latentes - ou seja, elas se encontram no lugar; mas, por não serem pronunciadas, a partir da linguagem, acabam se tornando desconsideradas e clandestinas. No segundo capítulo, apresentei narrativas sobre os contextos pandêmicos, nas quais me senti afetivamente incluída, acessando tais espaços, a partir de experiências vivenciadas com Sônia Pessoa e Mariana Procópio.

Como metodologia, o texto lançou mão da abordagem afetiva de Moriceau (2019), como proposta que busca comunicar os afetos de quem pesquisa como guia narrativa fundamental para a verificação e a apresentação dos próprios dados de pesquisa. Sendo assim, o gesto de comunicação ganha protagonismo e ancora a própria explicação, sobretudo quando se trata da pesquisa com temas sensíveis, como é o caso dos estudos sobre e com a deficiência. Nesse sentido, o relato narrativo busca olhar para a aparência como um gesto inclusivo frente a uma organização pública - a UFV -, a partir de uma inscrição que se inicia nos próprios modos de abordagem dos corpos, movimento este que define horizontes (ou os retira), a partir de uma lida inevitável com passados. Nesse caso, a linguagem hospitaleira e o próprio ato de hospitalidade protagonizados por uma equipe formada por uma professora e estudantes de enfermagem da UFV foram gestos capazes de produzirem confiança, a partir de um reconhecimento da singularidade da experiência da autora, e da produção de uma aparência, reverenciada como possibilidade inclusiva a uma mulher, reverenciando-a como alguém que pode contrariar todo o destino social imposto sobre ela e sobre seu corpo. Sendo assim, o relato narrativo revela que a hospitalidade é movimento comunicacional pautado pela reinvenção - a potência que surge no imprevisto, a vitalidade que colore a violência, o horizonte que se abre, mesmo que o passado tenha se imposto com o impossível.

De tal sorte, tomar a comunicação como fenômeno investigativo no contexto das organizações modernas é gesto inevitavelmente atravessado por historicidades e projetos de tempo - movimento epistêmico este que faz emergir, em última análise, problematizações e leituras sobre o contemporâneo, a partir de uma lente analítica relevante, potencialmente capaz de oferecer impactos tanto aos estudos da comunicação organizacional, quanto aos estudos sobre a contemporaneidade - a partir do investimento no meu relato de experiência.

Imbuídos desse gesto, também justificamos a relevância desse trabalho no que se refere a seus possíveis impactos sociais, a partir da possibilidade de produção de ofertas interpretativas a inúmeras organizações e sujeitas/sujeitos sociais, a respeito de aspectos cotidianos e institucionais revelados a partir de uma problematização da contemporaneidade pela comunicação organizacional - e aqui, se destacam inúmeras vidas de pessoas com deficiência que podem ganhar qualidade, atenção, respeito e reconhecimento. Isso significa que investimentos públicos em ciência, como os alcançados por este trabalho, se apresentam como oportunidades contundentes à explicitação de compreensões sobre o nosso próprio tempo - sobretudo, no que se refere à possibilidade do aperfeiçoamento de práticas de justiça e de equidade a inúmeros coletivos e grupos sociais afetados por relevos sociais instaurados em nosso tempo presente. Dessa forma, o trabalho partilha da convicção que reconhece as

experiências como campo científico propício à construção de forças sociais democráticas, capazes de fortalecer sujeitas/sujeitos sociais em vulnerabilidade, diante de uma luta que se dá, em muitas outras instâncias institucionais, por políticas públicas, pela ampliação do acesso a equipamentos sociais básicos e por uma conquista contínua de experiências de justiça.

A experiência da pesquisa perpassou por um caminho desafiador e surpreendente. A minha própria superação sobre dificuldades enfrentadas com os afetos é uma situação inspiradora para quem também tem o desejo de superar limites e estigmas. Por meio do relato de experiência, procurei apresentar ao leitor um pouco sobre meu mundo, minhas vivências, minhas impressões, por meio de meus afetos. É consenso entre mim e o Rennan - meu orientador - a enriquecedora experiência durante a produção deste trabalho, que exigiu muita pesquisa, criatividade e comprometimento. O aprendizado adquirido durante o curso com a experiência de elaborar pauta, entrevistar, decupar, produzir roteiro, gravar em estúdio, editar, mixar, criar arte, teaser e chamada, apresentar o projeto de pesquisa no SIA e no VI SICO para uma banca e escrever dois artigos foi importante para o amadurecimento acadêmico e servirá de base, certamente, para o sucesso na vida profissional e num horizonte futuro de pós-graduação, o qual também sonho para mim.

Por tudo isso, problematizar a acessibilidade, nos ambientes relacionais das organizações, torna-se gesto urgente, sobretudo nos contextos contemporâneos em que pessoas com deficiência, a partir de uma luta histórica por equidade, dignidade humana e justiça, têm sido priorizadas como públicos por novas institucionalidades e legislações recentes. Entretanto, nas narrativas apresentadas, foi possível compreender o quanto o aparecer de um corpo sensível faz também aparecer inúmeras latências nos ambientes organizacionais quanto aos horizontes mínimos à produção de uma hospitalidade às pessoas com deficiência, confirmando as formulações de Pessoa (2019). Por isso, esta monografia aponta que a presença (ou a ausência) da acessibilidade afetiva é gesto comunicacional que define os modos de existências dignos (ou violentos) de uma pessoa com deficiência nas organizações modernas - Estado, Mercado e Ciência. Com relação ao contexto investigado, a pesquisa também conclui que a universidade pode se configurar como um espaço frutuoso de trocas e de descoberta do diferente não apenas pela sua abertura em receber corpos sensíveis em seus espaços, mas na medida em que tais espaços sejam capazes de produzir uma disponibilidade para o olhar, para o cuidado e para o encontro em suas relações cotidianas - como gestos essenciais para a vivência transformadora da acessibilidade afetiva, e para a existência pública e íntima, em sua condição humana, de uma pessoa com deficiência.





## REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BALDISSERA, R; MAFRA, R . Discursos, identidades e relações de poder: dinâmicas e emergências em comunicação organizacional.. In: FARIAS, L. A. de; LEMOS, E. L.; REBECHI, C. N. (orgs.). **Opinião pública, comunicação e organizações: convergências e perspectivas contemporâneas**. 1ed. São Paulo/SP: Abrapcorp, 2020, v. 1, p. 271-289.

BAUMAN, Zygmunt. Viver com estrangeiros. In: BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRAGA, José J. Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Revista Matrizes**, São Paulo, ano v. 2, n. 2, p. 73-88, abr. 2008.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. - 1ª ed. - Buenos Aires - Paidós, 2002. p. 11 - 9).

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 dez. 1961. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)> Acesso em: 25 set. 2023.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)> Acesso em: 25 set. 2023.

BRASIL. **Lei 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União 2015; 7 jul. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)> Acesso em: 25 de set. 2023

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 28 dez. 2016. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/113409.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113409.htm)> Acesso em: 25 set. 2023.

BUENO, Wilson da Costa. **O gestor da Comunicação Interna deve aprender a conjugar no plural**. Portal IMPRENSA JORNALISMO E COMUNICAÇÃO NA WEB, 2 dez. 2011. Opinião. Disponível em: <https://portalimprensa.com.br/noticias/wilson+da+costa+bueno/46009/opinioao+o+gestor+da+comunicacao+interna+deve+aprender+a+conjuguar+no+plural>. Acesso em: 7 dez. 2020.

CIVIL, Judite; SILVA, Mariana; SALVINO, Matheus; BOAVENTURA, Stephanie; PESSOA, Sônia. A potência do encontro: corpos em movimento, corpos em argumento. In: PESSOA, Sônia; MARQUES, Ângela C. S.; MENDONÇA, Carlos M. C. (orgs.). **Afetos, teses e argumentos**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. pp.119-134.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos Sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença** – o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed-Puc Rio, 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente** – O tempo e a cultura contemporânea. 1ª Edição, São Paulo: Ed. Unesp, 2015.

MACHADO, I. L. Habitus, imaginários, espaço social e práticas sociais: alguns conceitos que podem se aplicar à narrativa de vida. In: Ida Lucia Machado; Mônica Santos de Souza Melo (Orgs.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. 1. ed. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2016, v. 1. p. 121-138.

MAGALHÃES, Theresa Calvet. Somos do mundo e não apenas no mundo. In: CORREIA, Adriano; NASCIMENTO, Mariângela (orgs.). **Hannah Arendt - Entre o Passado e o Futuro**. Juiz de Fora, UFJF, 2009, pp. 73-88.

MANTOVANI, Camila C.A.; PESSOA, Sônia Caldas. No tempo da delicadeza: experiências de acessibilidades possíveis e hospitalidade. In: PESSOA, Sônia; JÁCOME, Phellipy (orgs.). **Trilhas e desafios do ensino remoto emergencial**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2022. pp.153-176.

MAFRA, R. L. M. As organizações modernas e o contemporâneo: notas para uma leitura comunicacional do presente. In: XXX Compós, 2021, São Paulo. **Anais do XXX Compós**, 2021.

MENDONÇA, Carlos M. C. Corpos, ontologias e políticas: argumentos na pesquisa afetiva. In: PESSOA, Sônia; MARQUES, Ângela C. S.; MENDONÇA, Carlos M. C. (orgs.). **Afetos, teses e argumentos**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. pp. 33-50.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**. Universidade Federal de Viçosa. Edital do Processo Seletivo para Ingresso nos Cursos Presenciais de Graduação no Primeiro Semestre de 2018. Minas Gerais: Pró-Reitoria de Ensino, 2018. Disponível em: <<https://www2.pse.ufv.br/wp-content/uploads/2018/01/Edital-UFV-SISU-2018.pdf>> Acesso em: 25 set. 2023.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORICEAU, J-L. A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis. In: Nair Prata; Sônia Caldas Pessoa. (Org.). **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2019. pp. 41-49.

MORICEAU, Jean-Luc. Escritura e afetos. In: PESSOA, Sônia; MARQUES, Ângela C. S.; MENDONÇA, Carlos M. C. (orgs.). **Afetos, teses e argumentos**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. pp. 17-32.

NOGUERA, Renato. **O que é o luto: como os mitos e as filosofias entendem a morte e a dor da perda**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2022. 208 p.

OLIVEIRA, Mariana G. de; PAGLIUCA, Lorita M. F. Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional de Enfermagem: Relato de Experiência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 195-198, 2012. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/19288>. Acesso em: 22 jun. 2019.

PESSOA, S.C. Acessibilidade Afetiva? Da linguagem hospitalar às redes de relações em organizações. In: Ângela Cristina Salgueiro Marques; Daniel Reis Silva; Fábria Pereira Lima. (Org.). **Comunicação e Direitos Humanos**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2019. pp.209-217

PESSOA, Sônia Caldas. Inquietações que nos movem: argumento e polifonia em pesquisa de dimensão afetiva. In: PESSOA, Sônia; MARQUES, Ângela C. S.; MENDONÇA, Carlos M. C. (orgs). **Afetos, teses e argumentos**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. pp. 51-64.